

# COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

## De costas para o gol

Em menos de três meses o governo federal fez três desnecessários gols contra, marcando presença negativa em eventos que tinham tudo para render dividendos positivos de imagem: a virada do milênio, as comemorações dos 500 anos de Descobrimento e agora a feira de Hanôver. No final do ano, o réveillon virou pancadaria o que, com algumas adaptações de propósitos e estilo, repetiu-se no desastroso abril em Porto Seguro.

E agora está a presença do Brasil na feira alemã Expo 2000 cercada de suspeições porque ao presidente não ocorreu – e a nenhum dos assessores com ascendência sobre ele, também não – a observância do princípio segundo o qual família e administração pública não se misturam. Se era para dar a Paulo Henrique Cardoso o comando da organização da participação do país na feira, então que se fizesse a coisa exclusivamente com dinheiro da iniciativa privada.

• Tivesse a oposição competência para administrar o episódio – exclusivamente do ponto de vista do ataque adversário –, criaria problemas grandes ao Planalto.

Essa constatação sobre a vocação do governo para fornecedor sistemático de matéria-prima à oposição – cuja falta de habilidade para o exercício do oposicionismo deveria ser louvada em altar de missa domingueira no Alvorada –, tem sido acompanhada pela convicção de que ou se toma uma providência urgente, ou será difícil a recuperação da popularidade governamental a tempo de garantir desempenho razoável na eleição de 2002.

Trocando em miúdos, se o governo não melhorar, até os “de dentro” já estão achando que pode se repetir a situação eleitoral de 1989, quando o campo que detinha o poder cedeu espaço e assistiu de longe a um segundo turno disputado entre um arrivista e um representante da minoria. Ganhou o arrivista. As avaliações de hoje já levam fortemente em consideração a possibilidade de Ciro Gomes vir a chegar à etapa final junto com Luis Inácio Lula da Silva ou quem o PT tiver de candidato.

Nessa seara, o que se diz é que Itamar Franco não estaria fora do jogo. Mas com chances apenas no caso de ter o apoio do PT. Como não parece factível que os petistas venham a abrir mão de ter um candidato do partido e Itamar encontra-se sem nenhum desde que deixou o PMDB, não causa espécie quem levanta a hipótese de o governador de Minas Gerais vir a se filiar ao PT.

Aliás, como não causa espanto coisa nenhuma que se diga hoje a respeito de uma eleição com candidaturas que se definirão apenas lá pelo segundo semestre do ano que vem. O que preocupa governistas, no entanto, é que o oficialismo só chegará lá em boas condições de disputa se tiver discurso bom a apresentar. E como esse discurso é construído pelo dia a dia da atual gerência, é do desempenho dela que dependem os candidatos a candidato.

• Talvez por essas e por outras seja que o PMDB já anda espichando olhares lânguidos em direção a Ciro Gomes com quem, a direção pemedebista confirma, haverá uma conversa na semana que vem.

A questão, no entanto, é como o governo fará para melhorar a imagem que se consolida perigosamente de que o presidente da República governa de costas para o povo. Se é verdade – uns acham que sim, outros que não –, pouco importa. O fato é que é isso que as pesquisas mostram. E, portanto, é isso que precisa ser mudado.

Existem duas análises disponíveis a respeito do caminho a escolher para fazer a trilha de volta rumo à boca do poço: a mais corriqueira reza que melhorando a economia, o presidente Fernando Henrique pega uma carona e melhora também.

A outra interpretação, quase inédita ainda, é a de que vá a economia para onde for – desde que não vá para o fundo do poço, evidentemente – a opinião das pessoas sobre o governo não muda. E pior para os candidatos: não altera também a avaliação delas sobre aqueles que são com FH identificados.

• Por esse raciocínio, a tese da carona no foguete da economia deve ser substituída com urgência por gestos feitos pelo próprio presidente que denotem proximidade com as pessoas e interesse pelos problemas delas.